

Literatura afro-brasileira feminina nas salas de
aula: um recorte inspirado na percepção de
estudantes do Mestrado Profissional em Letras da
Uemasul

Afro-Brazilian female literature in the classroom:
a cutting inspired in the perception of students
of the Professional Master's course in Literature of
Uemasul

Duana Ravena dos Santos Vieira

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Imperatriz, MA, Brasil
duana.vieira@ifma.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-2564-5705>

Jannyelle de Souza Correa

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Imperatriz, MA, Brasil
jannyelle.correa@ifma.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-0681-6938>

Resumo: A produção artístico-literária está diretamente ligada ao contexto histórico-social e se constitui como uma forma de representação da sociedade em que se vive. Neste artigo propomos questões importantes sobre o espaço das autoras afro-brasileiras nas salas de aula do Brasil, na percepção de estudantes do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Região

Tocantina do Maranhão (Uemasul), que cursaram a disciplina Memórias, Histórias e Identidades Culturais Afro-Brasileiras. Evidenciamos três autoras afro-brasileiras que foram estudadas na disciplina em questão e ressaltamos a importância de suas obras chegarem às salas de aula do Brasil, considerando a representatividade e a necessidade real de dar voz às minorias tão prejudicadas ao longo da história, diante da construção e do fortalecimento de um cânone literário branco e masculinista. Para fundamentar este artigo, contamos com os(as) autores(as): Assis Duarte, Cuti, Kabengele Munanga e Ngozi Adichie Chimamanda. Neste texto, após apresentarmos as autoras afro-brasileiras, compartilhamos recortes de entrevistas com professores de língua portuguesa sobre o espaço que essas figuras têm nas salas de aula que frequentam, pois é preciso combater o silenciamento sofrido por essas autoras durante a formação da nossa sociedade e, conseqüentemente, da nossa literatura.

Palavras-chave: autoras afro-brasileiras; literatura afro-brasileira; representatividade; silenciamento.

Abstract: The artistic-literary production is directly linked to the historical-social context and constitutes a form of representation of the society in which one lives. In this article, we propose important questions about the space of Afro-Brazilian female authors in Brazilian classrooms in the perception of students of the Professional Master's in Literature of State University of the Tocantina Region of Maranhão (UEMASUL), who studied the subject Afro-Brazilian Memories, Histories, and Cultural Identities. We highlight three Afro-Brazilian female authors who were studied in the course in question and emphasize the importance of their works reaching the classrooms of Brazil, considering the representativeness and the real need to give voice to minorities so damaged throughout history, in the face of the construction and strengthening of a white and masculinist literary canon. To substantiate this article, we rely on the authors: Assis Duarte, Cuti, Kabengele Munanga, and Ngozi Adichie Chimamanda. In this text, after we present the Afro-Brazilian female authors, we share clips from interviews with Portuguese language teachers about the space of these figures in the classrooms they attend, since we need to combat the silencing suffered by these authors during the formation of our society and, consequently, of our literature.

Keywords: Afro-Brazilian female authors; Afro-Brazilian literature; Representativeness; Silencing.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o espaço das autoras afro-brasileiras nas salas de aula do Brasil é recente no âmbito das escolas e universidades, além de ser ainda muito acanhada, pouco se discute sobre esse tema nesses espaços. No entanto, as discussões são profundas e realizadas desde a década de 1980 pelo movimento negro brasileiro e cada vez mais conquistam professores dispostos a se engajarem na luta por visibilidade e reconhecimento para as autoras afro-brasileiras.

Constatar o desconhecimento da literatura afro-brasileira e, especialmente, das autoras afro-brasileiras desencadeia a reflexão para um contexto mais amplo que remonta os tempos em que os escravizados negros(as) eram trazidos ao Brasil, a partir de um processo de objetificação como se fossem animais, objetos, coisas sem nenhum valor. Um povo que desde o começo foi discriminado, maltratado, rejeitado e desvalorizado. Esse desconhecimento é fruto de um racismo histórico, perpetuado, que adquire novas faces, como o epistemicídio, conforme Aparecida Sueli Carneiro (2005).

As autoras afro-brasileiras, ao longo de décadas, tentam desprender um grito preso na garganta e fazê-lo ecoar, fazendo da margem histórica de invisibilidade seu *locus* enunciativo, e narram a sua versão da história mal contada e consolidada por meio da literatura há séculos. Reduzir a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e sintetizar a um só aspecto é o que Ngozi Adichie Chimamanda (2019) chama de “o perigo da história única”. Na sombra dessa perspectiva, contar outra versão da história altera o status de uma sociedade que insiste em não enxergar seu próprio racismo.

Associar memórias, histórias e identidades culturais afro-brasileiras é extremamente importante para a construção de espaços mais plurais e de igualdade. Essa associação se potencializa quando se une as leituras de obras da literatura afro-brasileira de autoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, que contribuem com obras expressivas. É

importante problematizar-se por que as escolas precisam dar visibilidade para autoras afro-brasileiras que escrevem a partir de suas “escrevivências”? Termo criado por Conceição Evaristo em *Becos da Memória*, a “escrevivência” é o lugar que articula a escrita e o corpo com a experiência vivida (EVARISTO, 2017, p. 10). O contato com a literatura afro-brasileira vai acrescentar algo na vida dos estudantes? E o que representa para os(as) afro-brasileiros(as) verem as suas obras literárias nas salas de aula do Brasil?

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (Munanga, 2005, p. 105).

Possibilitar que a literatura afro-brasileira adentre as salas de aula do Brasil é um dos caminhos para oportunizar o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra, que é de todos nós brasileiros e precisa ser falada e repetida incansavelmente.

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrado nas aulas de história com o tema da escravidão negra africana. Com a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, iniciamos um processo de adaptação e favorecemos o despertar de um novo olhar de professores e escolas para essa temática, mas, com isso, novas demandas também surgem.

A obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira sugere indagações sobre a necessidade desses conteúdos na sala de aula. É comum que os pais dos estudantes, especialmente em escolas particulares, façam questionamentos sobre essa obrigatoriedade de seus filhos terem contato com a cultura ou a literatura afro-brasileira. A necessidade de se ler textos de mulheres

negras em sala de aula é fruto de um posicionamento racista e machista, que ignora a relevância e as contribuições das minorias marginalizadas.

Por outro viés, é importante ressaltar o trabalho que tem sido desenvolvido pelas universidades quanto ao desenvolvimento de pesquisas sobre a literatura afro-brasileira, eventos, formações e disciplinas sobre esse tema. Ações dessa natureza estão sendo eficientes para despertar o interesse de estudantes, professores e escolas pela temática, além do suporte na qualificação de profissionais da educação que não tiveram a oportunidade de estudar sobre história e cultura afro-brasileira durante a licenciatura e agora participam de congressos, seminários e pós-graduações.

Assim, este artigo tem por objetivos: realizar uma breve apresentação de três autoras afro-brasileiras de grande relevância para a nossa literatura, bem como identificar os espaços que estas ocupam nas salas de aula do Brasil por meio de depoimentos de professores e estudantes de Mestrado Profissional em Letras.

O raciocínio que seguimos para nortear a escrita deste artigo tem base nas discussões da disciplina Memórias, Histórias e Identidades Culturais Afro-Brasileiras ofertada no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul), no período de agosto a outubro de 2021, na qual os conhecimentos compartilhados e as reflexões realizadas foram de extrema importância para a escrita deste trabalho.

Para fundamentar este artigo, dialogamos com os(as) autores(as): Duarte (2013), Cuti (2010), Munanga (2005) e Chimamanda (2019), que versam sobre as legislações e as perspectivas do ensino de literatura afro-brasileira, além de outras questões étnico-raciais. Também utilizamos obras literárias de três autoras afro-brasileiras para enriquecer ainda mais este artigo: Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis, autoras que muito bem representam a literatura afro-brasileira e que nos presenteariam com um rico legado.

Este artigo apresenta a seguinte estrutura: na primeira parte, apresentamos brevemente as três autoras afro-brasileiras que se destacam na literatura e, em seguida, compartilhamos recortes de entrevistas com professores de língua portuguesa sobre o espaço que essas autoras ocupam nas salas de aula que frequentam.

TRÊS AUTORAS AFRO-BRASILEIRAS QUE SE DESTACAM NA LITERATURA

Ao longo da nossa trajetória acadêmica, somos expostos ao estudo de diversas obras literárias e seus respectivos autores, principalmente pertencentes ao cânone. A literatura clássica ocupa um espaço privilegiado nas escolas brasileiras, preterindo, dessa forma, outras narrativas, como a afro-brasileira.

Sabe-se que, até hoje, a literatura estudada nas escolas é majoritariamente europeia e masculina e, mesmo um dos maiores representantes da literatura nacional sendo um homem negro — Machado de Assis —, pouco estudamos a respeito da narrativa negra e afro-brasileira. Muitos autores(as) negros(as) foram embranquecidos, inclusive. A verdade é que muitos estudantes nem chegam a conhecer autores afro-brasileiros ao longo da educação básica e, menos ainda, autoras. Porém, ao propormos este estudo, precisamos refletir sobre quem é a mulher negra, que mesmo sendo o ponto de intersecção entre dois grupos de minorias, não se encaixa em nenhum deles, pois em muitas vezes o movimento negro mostrou-se machista e o feminista, racista. Sendo assim, em nossa sociedade, ser mulher negra reflete um desafio maior do que ser mulher branca ou homem negro. José Eugênio das Neves (2009) reflete sobre essa questão citando Bonnici:

Verifica-se então que a situação da mulher colonizada é pior do que a do homem na mesma situação, de vez que sofre uma dupla colonização, política e de gênero, complementando o pensamento do autor acima mencionado (Bonacci), acrescentamos que pode haver uma situação ainda mais trágica: uma tripla colonização, que se verifica no caso das mulheres afro-descendentes que vivem em países colonizados. Neste caso, além da dominação política e de gênero, verifica-se ainda outra ligada ao fator étnico (NEVES, 2009, p. 49).

Por isso, apesar de também sofrer preconceitos, o homem negro e a mulher branca não têm a sensibilidade para escrever sobre o que é ser mulher negra em nossa sociedade. Para saber escrever é preciso viver e sentir. Nesse sentido, quando lemos os textos das jovens autoras, podemos enxergar em seus escritos um misto de passado e presente, além de toda a carga sentimental que permeiam esses escritos de quem viveu e vive na mira do preconceito.

Infelizmente, a oportunidade de mergulhar nesse universo da literatura afro-brasileira feminina, muitas vezes só acontece nos cursos de pós-graduação

em Letras ou, com muita sorte, na graduação. Mas, enxergamos isso como um começo, pois são esses(as) estudantes em formação que estarão em sala de aula, e com eles(as) as transformações no ensino da literatura serão possíveis, o espaço da literatura afro-brasileira será garantido e saberes múltiplos serão construídos, levando em conta todas as vozes um dia silenciadas.

Autoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis precisam ter suas obras acessadas pelos estudantes da educação básica, proporcionando reflexões e aprendizagens sobre a verdadeira história do povo afro-brasileiro. Por meio das “escrevivências” dessas autoras, pode-se construir um novo olhar para os povos que fazem parte do nosso Brasil e colocá-las em evidência é dar oportunidade aos estudantes de conhecer outras histórias, de refletir, respeitar e reparar.

Certa mordaca em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado (CUTI, p. 87, 2010).

CONCEIÇÃO EVARISTO

Figura 1 – *Escritora Conceição Evaristo.*



Fonte: <https://todosnegrosdomundo.com.br/conceicao-evaristo/>

#PraTodoMundoVer: A escritora Conceição Evaristo é uma mulher de 74 anos, negra, com cabelos curtos, cacheados e grisalhos e olhos escuros. Na foto, ela está usando uma roupa estampada e brincos grandes.

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma escritora mineira, nascida na periferia de Belo Horizonte e de origem humilde. Migrou para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades e, para isso, teve que conciliar o trabalho como empregada doméstica com seus estudos na faculdade de Letras, onde se formou com 25 anos. Atualmente, Conceição Evaristo é mestre em Literatura Negra, doutora em Literatura Comparada e tem diversas obras lançadas, desde romance a contos. Neles, a autora aborda temas como discriminação racial, questões de gênero e de classe social, dando ênfase à vida cotidiana e à realidade da mulher negra no Brasil.

CAROLINA MARIA DE JESUS

Figura 2 – *Escritora Carolina Maria de Jesus.*



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/carolina-maria-de-jesus-quem-governa-o-brasil-nao-sabe-o-que-e-a-aflicao-do-pobre/>

#PraTodoMundoVer: Carolina Maria de Jesus é uma mulher negra, com cabelos crespos, curtos e escuros. Na foto, ela está sentada autografando um livro, usando um casaco escuro.

De catadora de papel a uma das maiores escritoras negras da literatura nacional, Carolina Maria de Jesus é a autora do famoso livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado na década de 1960. Nele, Carolina Maria de Jesus narra a vida cotidiana na favela do Canindé e como ela consegue sobreviver sendo catadora e mãe solo de três filhos. A fome, a extrema pobreza e as angústias dos favelados também estão muito presentes em seus relatos, que foram traduzidos para dezesseis idiomas e vendidos em quarenta países.

MARIA FIRMINA DOS REIS

Figura 3 – *Maria Firmina dos Reis, a primeira escritora negra do Brasil.*



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/maria-firmina-dos-reis-a-primeira-escritora-negra-do-brasil/a-63152704>

#PraTodoMundoVer: A imagem é um desenho de Maria Firmina, ainda jovem. É uma mulher negra, está com os cabelos presos, usando um vestido de mangas curtas e um colar com um pingente grande e redondo.

Maria Firmina dos Reis foi escritora maranhense, fruto de um caso extraconjugal, num contexto de uma sociedade extremamente segregacionista tanto racialmente quanto socialmente. Se formou como professora e revolucionou o estado do Maranhão ao construir a primeira escola mista e gratuita da época, além, também, de se dedicar à publicação de contos e crônicas na imprensa local. Em 1859 publicou *Úrsula*, considerado o primeiro romance escrito por uma mulher negra na América Latina e primeiro romance abolicionista publicado por uma mulher, em língua portuguesa, marcando assim a história da literatura brasileira.

Mesmo diante de toda a representatividade presente na história dessas autoras, é possível perceber que, mesmo com tantas contribuições significativas à literatura nacional, a narrativa negra ainda é marginalizada e pouco

consumida nas escolas e nas casas brasileiras. Essas mulheres negras escritoras, a exemplo de tantas outras, merecem destaque, necessitam ter suas vozes e obras literárias exaltadas nas instituições de ensino, mas também por todos os lugares onde a literatura brasileira é bem-vinda.

Por isso, é urgente começar a dialogar com a literatura afro-brasileira, buscar diminuir as distâncias que a separam de todas as outras literaturas, pois ela pode ser uma ferramenta muito importante na luta contra o racismo, subsidiando reflexões e ações reparadoras. Isso porque a narrativa negra apresenta questões acerca da identidade, memória e herança cultural dos povos africanos e afrodescendentes, além de mostrar o cotidiano dessa parcela da população no Brasil. Como pontua Duarte (2013, p. 13): “Resta torcer para que consigam atingir maior visibilidade e, quem sabe, cumprir a utopia que os move: formar um público leitor afrodescendente que com eles se identifique. Pois é outro o negro que ali se apresenta”.

A REALIDADE DA SALA DE AULA: PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA RELATAM SOBRE O ESPAÇO DAS AUTORAS AFRO-BRASILEIRAS NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL

A realidade das salas de aula de educação básica do Brasil, no que diz respeito ao ensino de literatura afro-brasileira e, especialmente, ao espaço ocupado pelas autoras afro-brasileiras, permanece em um campo de invisibilidade até o momento em que se é sacudido, durante a formação básica ou acadêmica, por alguma disciplina ou conteúdo que verse sobre esse tema especificamente, situação vivenciada em Memórias, Histórias e Identidades Culturais Afro-Brasileiras, ofertada no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Uemasul no período de agosto a outubro de 2021.

Acreditamos que nenhum professor de literatura ou língua portuguesa permaneça intacto após vivenciar a experiência proporcionada pela disciplina, pelas reflexões que ela incita. Essa experiência suscita o desejo de saber como eram as aulas desses professores antes desse despertar? E como ficam as aulas depois de estudar essa disciplina na pós-graduação? O que passou não importa, mas o que faremos com os conhecimentos adquiridos é algo importante. Em nossas mãos está o futuro dos nossos estudantes, o futuro que sonhamos

para os povos afro-brasileiros, o espaço que desejamos que a literatura afro-brasileira ocupe nas salas de aula.

Essa disciplina foi ofertada pelo Programa como opcional e seis alunos escolheram cursá-la. Ao fim, reconhecendo a importância dos estudos realizados, foi sugerido que ela se torne eletiva, pois é de extrema importância a aquisição desses conhecimentos. Independentemente de ser cursante de um mestrado em Letras, a literatura afro-brasileira mostra-se relevante para todos.

Apresentamos, então, dois relatos de professores(as) de língua portuguesa que cursam o Mestrado Profissional em Letras da Uemasul sobre o espaço das autoras afro-brasileiras nas salas de aula da educação básica do Brasil. Para preservar as identidades dos(as) professores(as) colaboradores(as) utilizaremos nomes fictícios.

DEPOIMENTOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESTUDANTES DO Mestrado PROFISSIONAL EM LETRAS DA UEMASUL

Eu ministro aulas de língua portuguesa desde 2016, sempre dei espaço para a literatura brasileira nas minhas aulas. O texto literário faz parte das minhas aulas desde sempre, sou adepta da literatura contemporânea e apaixonada pela literatura clássica. Porém, confesso que antes de mergulhar na disciplina Memórias, Histórias e Identidades Culturais Afro-Brasileiras, no meu curso de mestrado, eu nunca havia dado ênfase para a literatura afro-brasileira em sala de aula, em nenhuma das séries, e não foi por maldade. Eu também não conhecia nada dessa linda e rica literatura, muitas vezes o texto dessa literatura estava na sala, mas nem eu mesma me dava conta do valor e riqueza disso. Hoje sou uma nova professora e a literatura afro-brasileira faz parte das minhas aulas na educação básica de forma consciente e elaborada, muitos alunos estão despertando para a importância desse conhecimento que, além de tudo, é a nossa história, a nossa memória e a nossa cultura. É desafiador, preciso ler, preciso buscar, conhecer as autoras e autores dessa literatura, as principais obras, mas consigo perceber a riqueza que é oportunizar que os estudantes adquiram esse conhecimento e que despertem e conheçam a verdadeira história dos povos afro-brasileiros. (Professora Dandara dos Palmares, 2021)

As aulas de literatura antes da disciplina História e Identidades Culturais Afro-brasileiras eram baseadas na cronologia da historiografia literária brasileira. A ênfase dada às aulas de literatura eram as características literárias do movimento estudado, análise de poemas ou de romances a partir dessas

características. As aulas de literatura após a disciplina tomaram outros rumos. Para além das características das escolas literárias, as aulas passaram a ser mais de análises das questões socioculturais do Brasil, sua formação histórica e de que modo as personagens e a história da população afro-brasileira foi negada e silenciada. Além da nova visão sobre a literatura em sala de aula, novos escritores e, sobretudo, escritoras e suas obras foram inseridas nas aulas, para que os alunos pudessem ampliar sua compreensão do mundo e, inclusive, que tivessem a oportunidade de enxergar a história e a cultura afrodescendente dentro das histórias contadas por esses autores(as), e a partir disso contribuam para o combate ao racismo e os seus desdobramentos na sociedade. (Professora Antonieta de Barros, 2021)

As discussões realizadas na disciplina Memórias, Histórias e Identidades Culturais Afro-Brasileiras proporcionaram múltiplas aprendizagens, demonstraram que existe um longo percurso e que precisamos assumir o papel de protagonistas e exercer com maestria o papel de professor de literatura preocupado com a formação integral, que combate o racismo e ensina com livros nas mãos. Quando a professora Dandara dos Palmares diz que *“também não conhecia nada dessa linda e rica literatura, muitas vezes o texto dessa literatura estava na sala, mas nem eu mesma me dava conta do valor e riqueza disso”*, constatamos o quanto é frágil a formação dos professores de literatura, mas, principalmente, o quanto é frágil o ensino de literatura nas escolas do Brasil.

Evidentemente existe uma relação entre esses fatos, é um círculo vicioso ao qual estamos acometidos. Mas, hoje, sem a venda nos olhos, podemos enxergar caminhos para transformar essa realidade. Tendo em vista os relatos apresentados e toda a discussão feita neste trabalho, em consonância com as discussões de autores(as) que discutem o texto literário de autoria afro-brasileira, reafirmamos a importância dessa literatura chegar às salas de aula da educação básica do Brasil, além de fazer parte da formação dos(as) professores(as) de língua portuguesa e literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema discutido neste trabalho é de muita relevância e merece maior visibilidade. Reflexões sobre os espaços da literatura negra e, especialmente, afro-brasileira nas salas de aula precisam ser cada vez mais frequentes, por

isso este trabalho trouxe essas questões e cumpriu o objetivo de realizar um breve levantamento bibliográfico sobre as autoras afro-brasileiras e os espaços que ocupam nas salas de aula do Brasil por meio de depoimentos de estudantes do Mestrado Profissional em Letras.

A respeito dos estudantes do Mestrado Profissional em Letras da Uemasul que cursaram a disciplina, neste artigo conseguimos o depoimento de dois, de uma totalidade de seis estudantes. Vale ressaltar que alguns justificaram que não contribuíram com o depoimento porque não estão em sala de aula na educação básica há algum tempo.

Finalizamos reforçando que as vivências e aprendizagens da disciplina Memórias, Histórias e Identidades Culturais Afro-Brasileiras, ofertada no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Uemasul, no período de agosto a outubro de 2021, foram pertinentes e influenciaram muito no fazer pedagógico dos(as) professores(as).

Desejamos que a oportunidade de aprofundar sobre o tema chegue para mais professores e estudantes. É importante que mais pessoas conheçam essa temática, tomem gosto pela literatura negra e afro-brasileira, e que quem já conhece, propague-a. Sejam multiplicadores desse conhecimento e, assim, faremos um mundo melhor, mais consciente, mais plural e mais acolhedor.

Duana Ravena dos Santos Vieira possui graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Estadual do Piauí (2013). Possui Especialização em Docência, Gestão e Supervisão Escolar - Faculdade do Médio Parnaíba/FAMEP (2014). Concluiu a Especialização em Gestão Educacional e Escolar - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2019). Possui 12 anos de experiência como professora de Língua Espanhola da Educação Básica de Ensino, atuando tanto na rede pública como particular. Desde 2016 é professora EBTT - Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA- Campus Avançado Carolina, responsável pelas disciplinas de Língua Espanhola, Língua Portuguesa e afins em regime de Dedicção Exclusiva. Além disso, é Representante do Comitê de Relações Internacionais do Campus e Diretora de Desenvolvimento Educacional desde Abril/2022. Atuou, de fevereiro a

DUANA RAVENADOS SANTOS VIEIRA Literatura afro-brasileira feminina nas salas de aula: um recorte inspirado na percepção de estudantes do Mestrado Profissional em Letras da Uemasul

novembro de 2020, como Diretora Geral Pro Tempore do Campus Avançado Carolina. Finalizou o Mestrado Profissional em Letras - UEMASUL, Campus Imperatriz (2020.2), em dezembro de 2022. Participa dos grupos de pesquisa: NUPELE-IFRN e GDAS-IFMA.

Jannyelle de Souza Correa possui Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (2012) e Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (2013). É concursada como Auxiliar em Administração no Instituto Federal do Maranhão desde 2016, já atuou como Chefe do Departamento de Ensino e Extensão e, atualmente, é Chefe do Departamento de Administração e Serviços de Gabinete no Campus Avançado Carolina. É mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, Campus Imperatriz desde 2020.

FINANCIAMENTO: Não se aplica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo, tese, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Assis. "O negro na literatura brasileira". *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília (DF): MEC, 2ª edição, 2005 [1999].

NEVES, José Eugênio das. "Esmeralda Ribeiro e Lima Barreto: um diálogo sem segredos". *Terra Roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 17-B, p. 49-59, 2009.